

INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE: UM ESTUDO A PARTIR DA MODELAGEM DE EQUAÇÃO ESTRUTURAL

Inventory of ambivalent sexism: a study from the structural equation modeling

*Nilton S. Formiga*¹

Resumo

Como objetivo deste estudo trata-se de avaliar, a partir da modelagem de equação estrutural, o inventário de sexismo ambivalente. Este instrumento, adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) é constituído por 22 itens, respondidos em escala de cinco pontos. Dois fatores são avaliados: sexismo hostil e sexismo benévolo. 620 sujeitos, homens e mulheres, entre 16 e 47 anos, da cidade de Palmas-TO e João Pessoa-PB compuseram este estudo. O inventário foi aplicado individualmente, nas escolas e ruas de ambas as cidades, garantindo o anonimato das respostas e a confidencialidade. A partir do programa AMOS GRAFICS 7.0 os indicadores de bondade de ajuste aceito na literatura vigente confirmou a existência dos dois fatores, de acordo com o encontrado os estudos brasileiros sobre o tema.

Palavras-chave: Sexismo; Análise estrutural; Avaliação.

Abstract

The aim of this study is evaluate, from the structural equation modeling, the inventory of ambivalent sexism. This instrument, adapted by Formiga, Gouveia, and Santos (2002) is made of 22 items, answered in a scale of five points. Two factors are assessed: hostile sexism and benevolent sexism. 620 people, men and women, between 16 and 47 years old, from the city of Palmas-TO and João Pessoa-PB composed the study. The inventory was applied individually, in schools and streets of both cities ensuring the anonymity and confidentiality of responses. From the program AMOS GRAFICS 7.0 the indicators of goodness, of fit accepted in current literature confirmed the existence of the two factors, according to the Brazilian studies found about the theme.

Keywords: Sexism; Structural analysis; Assessment.

¹ O autor é doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – JP. Endereço para correspondência: Rua Juiz Ovídio Gouveia, 349. Pedro Gondim. CEP.: 58031-030. João Pessoa - PB. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

1 - INTRODUÇÃO

O problema do preconceito ainda tem merecido a devida atenção pelos especialistas da ciências humanas e sociais. Essa dedicação se deve porque esse problema atinge diversos grupos sociais, especialmente, aqueles considerados minoritários, por exemplo, negros, homossexuais, mulheres, idosos, entre outros grupos, fazendo com que os danos sofridos por eles não seja recuperado, individual e socialmente de forma tão rápida e simples.

Um outro fato que repercute no interesse sobre esse tema diz respeito ao discutido debate sobre o desaparecimento do preconceito na dinâmica psicossocial e a possibilidade de controlá-lo; de fato, esse fenômeno nunca sumiu, apenas adquiriram-se novas formas de manifestação, as quais são sutis, disfarçadas, camufladas, etc. (Pettigrew & Meertens, 1995; Swim, Aikin, Hall & Hunter, 1995; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995). Essa reflexão, metaforicamente, segundo Munanga (2002), pode ser comparada a um iceberg, cuja maior parte fica encoberta e apenas se vê a ponta do iceberg, enquanto o que está submerso além de ser enorme, requer instrumentos e mecanismos especializados para que se possa ter em conta o tamanho e o possível risco para a natureza.

De forma geral, essas novas formas do preconceito podem ser, analogamente, consideradas a parte submersa, aquela que não se vê ou se 'finge' não vê. Algo semelhante pode ser comparado ao preconceito frente às mulheres, já que elas são observadas como grupo minoritário (Formiga & cols., 2004); e talvez seja pior! Pois, em relação às mulheres salienta-se uma percepção na dinâmica interpessoal que o preconceito frente a elas não ocorre no Brasil devido à expressiva cordialidade em relação a elas, e especificamente, devido aos atributos de feminilidade tão salientes na dinâmica social entre os brasileiros. Esses atributos estereotipam as mulheres como uma categoria satisfeita com o espaço social ocupado e que elas são sensíveis, maternas, emotivas, etc. (Formiga & Camino, 2001).

Mesmo com todas as mudanças na sociedade civil brasileira, embasadas na constituição de 1988, principalmente no que se refere ao preconceito – especificamente, quanto à igualdade entre homens e mulheres - tomado como princípio geral, ainda é possível acompanhar um avanço em relação às oportunidades e os direitos das mulheres, mas não a superação da desigualdade (Marodin, 1997).

O tema a respeito da discriminação em relação à mulher permite muitas especulações em âmbitos diversos das Ciências Humanas e Sociais (Aguiar, 1997). Suas causas e conseqüências podem até ser hipotetizadas e defendidas, porém não se conhecerá sua verdadeira extensão se não se considerar, diretamente, quais são os agentes que fomentam esse fenômeno: homens e mulheres da sociedade civil.

As opiniões, atitudes e pensamentos sobre o papel da mulher em diferentes facetas da sociedade são cruciais no momento de compreender formas e conteúdos de um problema ainda muito antigo sobre o preconceito (Formiga, Gouveia & Santos, 2002). Partindo dessa reflexão e devido às contínuas explorações de um instrumento que avalia o preconceito em relação às mulheres o qual é denominado de sexismo, viu-se a necessidade desse estudo. Buscou-se com a mensuração desse instrumento corroborar, de forma mais acurada, a existência do sexismo o qual tem sido observado por outros pesquisadores no Brasil e em outros países a validade e fidedignidade do mesmo.

2 - A ORIGEM DO ESTUDO SOBRE SEXISMO

Glick e Fiske (1998) desenvolveram uma escala capaz de avaliar o sexismo; ao conceberem que esse fenômeno discriminatório tem se apresentado sob novas formas modernas, esses autores consideraram que o sexismo se apresenta na dinâmica social de forma ambivalente; este construto – o sexismo ambivalente - é compreendido como

um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. Para Glick e Fiske (1998) as formas de sexismo são ambivalentes, justamente por não ser direta quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, se apresentando sob duas formas: a hostil e o benévolo.

Especificamente, o sexismo hostil é uma expressão flagrante do preconceito em relação às mulheres; este tem sido extensamente tratado (Glick & Fiske, 1998), porém não permite compreender totalmente a direção que toma o sexismo na sociedade atual, justificando a luz da busca de igualdade em direitos e deveres entre os gêneros (Siano, 2000), evidenciando crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo assim, antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão. O sexismo benévolo se constitui a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (Pettigrew & Meertens, 1995).

3 - A AVALIAÇÃO DO SEXISMO NO BRASIL E A ANÁLISE CONFIRMATÓRIA PROPOSTA

Considerando o inventário de sexismo, desenvolvido por Glick e Fiske (1998), alguns estudos no Brasil foram desenvolvidos com o objetivo de avaliar esse construto de forma que comprovasse os resultados encontrados por Glick e Fiske (1998); até porque se considera que o preconceito frente às mulheres, nos países ocidentais, não seria um fenômeno isolado na sociedade em geral, mas sim, universal. A partir dos estudos de Glick e Fiske (1998), foi que Formiga, Gouveia e Santos (2002), utilizando o mesmo instrumento, em uma amostra

com universitários paraibanos observaram, a partir de uma análise fatorial exploratória, semelhantes relações entre os itens-fator, bem como, observaram-se índices de consistência interna tanto para o fator sexismo hostil quanto o sexismo benévolo semelhantes aos encontrados por Glick e Fisk (1998).

Em outro estudo, considerando uma amostra da população geral das cidades de Palmas-TO e João Pessoa-PB, Formiga (2005) realizou uma análise fatorial, extraindo seus resultados a partir do método fatorial dos eixos principais e observou que os resultados encontrados – tanto a relação itens-fator quanto os índices de consistência interna - foram semelhantes ao observados nos estudos de Glick e Fisk (1998) e no estudo de Formiga, Gouveia e Santos (2002). Anos antes do estudo de Formiga (2005), Ferreira (2004) desenvolveu um trabalho semelhante; utilizando a mesma escala e realizando uma análise fatorial exploratória, com o método dos eixos principais, esse autor observou a bi-dimensionalidade do sexismo ambivalente, tendo a relação itens-fator e sua consistência interna semelhante ao Glick e Fisk (1998), Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Formiga (2005).

Desta forma, partindo de estudos realizados no Brasil com o inventário de sexismo ambivalente, pretendeu-se avaliar, a partir da modelagem de equação estrutural o inventário de sexismo ambivalente. O interesse do presente estudo se deveu porque na análise exploratória – seja dos principais componentes ou eixos principais - realizados pelos autores supracitados existe um inconveniente, o qual, pauta-se, estritamente, nos dados obtidos não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos têm o poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

Partindo desse pressuposto teórico e metodológico, busca-se, especificamente, contribuir com o presente estudo, a partir de uma análise fatorial confirmatória e a modelagem de equação estrutural no pro-

grama AMOS 7.0, uma comprovação empírica e teórica do inventário de sexismo ambivalente. Considerando a validade da escala proposta a partir dos autores brasileiros, visa-se garantir uma robustez a consistência interna e estrutural da escala estudada no Brasil.

Especificamente, a técnica da análise da Modelagem de Equação Estrutural (MEE) tem a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitam decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada e sua direção associativa entre as inúmeras variáveis.

Desta forma, dois resultados principais podem ser esperados ao trabalhar com essa análise: 1- estimativa da magnitude dos efeitos estabelecida entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 - testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis, embora não se possa afirmar que este é correto (Farias & Santos, 2000). Atende-se assim, não a certeza total do modelo, mas, a sua probabilidade sistemática na relação entre as variáveis.

Um dos principais objetivos das técnicas multivariadas – neste caso, considerando-se a modelagem de equação estrutural - é expandir a habilidade exploratória do pesquisador e a eficiência estatística e teórica no momento em que se quer provar a hipótese levantada no estudo. Apesar das técnicas estatísticas tradicionais compartilharem de limitações, nas quais, é possível examinar somente uma relação entre as variáveis, é de suma importância para o pesquisador o fato de ter relações simultâneas; afinal, em alguns modelos existem variáveis que são independentes em algumas relações e, dependentes em outras. A fim de suprir esta necessidade, a Modelagem de Equação Estrutural examina uma série de relações de dependência simultâneas,

esse método é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relações subsequentes de dependência (Silva, 2003; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

De acordo com Farias e Santos (2000), Hair, Anderson, Tatham e Black (2005) e Zamora e Lemus (2008) ao considerar a modelagem estrutural do modelo – isto é, a análise de caminhos (path analysis) - relaciona-se as medidas de cada variável conceitual como confiáveis, acreditando que não existe erro de medida (mensuração) ou de especificação (operacionalização) das variáveis; cada medida é vista como exata manifestação da variável teórica. Assim considerado, desenha-se o modelo teórico que se pretende tomando a partir elaboração hipotética entre as variáveis independente e dependente, isto é, entre as variáveis latentes e variáveis observáveis, por exemplo: no desenho desse modelo – elaboração da ligação entre as figuras caracterizando as variáveis estudadas - um retângulo é considerado como variável observada medida pelo pesquisador; uma elipse é considerada variável latente, isto é, construto hipotético não observado; uma seta com uma ponta indica o caminho ou a relação causal entre duas variáveis; uma seta com duas pontas representa a covariância, isto é, que estas variáveis se associam entre si; por fim, uma bolinha preenchida com um número e letra referem-se a um erro de medida. A partir do momento em que se elabora a hipótese, identifica-se cada uma dessas figuras associando as variáveis que se quer provar a múltipla influência.

De forma geral, utilizando essa técnica estatística para comprovar uma escala de pesquisa, além de garantir uma melhor avaliação psicométrica para o inventário de sexismo ambivalente, no presente estudo tratar-se-á da acurácia do inventário, visando a partir de sua dimensão temporal e política, confirmar a manutenção dessa medida quando se pretender avaliar o sexismo ambivalente em brasileiros.

4 - MÉTODO

Amostra

620 universitários da cidade de Palmas-TO e João Pessoa-PB compuseram este estudo, com idade variando de 16 a 47 anos, do sexo masculino e feminino, porém, prevalecendo o sexo feminino (62%); esses sujeitos apresentaram uma renda mensal maior do que R\$ 2.000,00 reais. Estas amostras podem ser definidas como intencional, pois, consideraram-se as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Inventário de Sexismo Ambivalente, ISA. Elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002; Formiga, 2005) para o contexto brasileiro. Este instrumento é composto por 22 itens (ver anexo) que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando, para tanto, uma escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: 1 = Discordo Totalmente e 4 = Concordo Totalmente. Em um estudo original desenvolvido por Formiga, Gouveia e Santos (2002), a partir de uma análise fatorial confirmatória, o inventário apresentou parâmetros psicométricos para a população brasileira com os seguintes indicadores de bondade de ajuste: GFI = 0,77 e AGFI = 0,72; $\chi^2/df = 3,18$; RMSR = 0,10.

Caracterização Sócio-Demográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar o ISA individualmente, na sala de aula, a cada sujeito. Aplicadores devidamente treinados ficaram responsáveis pela coleta dos dados; após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados, se apresentava como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário breve.

Foi-lhes dito que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem ao mais sincero possível após o aplicador ter finalizado sua afirmativa contida no instrumento; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os pesquisadores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Nos estudos anteriores, utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 15.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas e os cálculos referentes ao Alfa de Cronbach (α). Apesar da garantia na relação item-fator, na análise exploratória e as correlações internas entre fatores de cada escala encontrada nos estudos Glick e Fiske (1996), Formiga, Gouveia e Santos (2002), Ferreira (2004) e Formiga (2005) elas se baseiam estritamente nos dados obtidos, não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos têm o poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

Essas técnicas – a de bondade de ajuste – têm a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada. Com isso, será efetuado uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e do Modelo de Equação Estrutural (SEM) efetuado a partir do AMOS GRAFICS (versão 7.0) a fim de comprovar com maior robustez a estrutura do inventário de sexismo ambivalente.

Para realização da análise fatorial confirmatória, pretendeu-se testar a adequação do modelo quanto a sua unidimensionalidade e bidimensionalidade. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML (Maximum Likelihood). Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes - (PC) utilizado nos estudos anteriormente citados; isto permite testar diretamente uma estrutura teórica, como a proposta por Glicke Fiske (1998) e pelos autores que adaptaram o mesmo inventário para o Brasil.

Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

* O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação ao grau de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

* Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskog & Sorbom, 1989).

* O Goodness-of-Fit Index (GFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) são

análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.

* A Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).

* O Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o Consistent Akaike Information Criterion (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as análises fatoriais exploratórias dos estudos no Brasil anteriormente citados (ver Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Ferreira, 2004; Formiga, 2005), procurou-se avaliar neste trabalho, com um maior rigor e critério, a estrutura do inventário de sexismo ambivalente. Para isso foi empregado o pacote estatístico AMOS 7.0 realizando uma análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural. Hipotetizou-se a bifatorialidade do modelo de acordo com o que foi proposto nos estudos sobre esse inventário destacados na introdução desse trabalho.

Procurou-se testar a estrutura fatorial do Inventário de Sexismo Ambivalente considerando, a título de comparação, os seguintes modelos: (a) Modelo 1: unifatorial, em que todos os itens da atitude anômica apresentam saturação em um único fator e (b) Modelo 2: uma estrutura com dois fatores, de acordo como já foi encontrado em outros estudos e descrito previamente.

Tabela 1 (ver no final)

Neste caso, optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximas as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observados na tabela 1, revelam que o melhor modelo para o Inventário de Sexismo Ambivalente foi o modelo bifatorial, destacando os seguintes indicadores de qualidade de ajuste: χ^2/gf (122,53 / 126) = 0,97, GFI = 0,99, AGFI = 0,97, RMR = 0,04; RMSEA (90%IC) = 0,01 (0,00-0,02) CAIC = 1097,68 e ECVI = 0,47.

Como é possível observar na figura 1, todas as saturações† (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação proposta. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$) corroborando a existência de dois fatores para se avaliar o sexismo ambivalente: o sexismo hostil - expressão flagrante do preconceito em relação às mulheres e reflete antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas); e o sexismo benévolo - refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Quanto ao alfa de Cronbach, observou-se que para o sexismo hostil este foi de 0,77 e para o benévolo, foi de 0,70; para pontuação total da escala (denominando de sexismo ambivalente) foi 0,79.

Figura 1 (ver no final)

Essa bidimensionalidade apresentada pelo sexismo ambivalente, expressa um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Glick & Fiske, 1998). Vale destacar que a relação entre as dimensões do sexismo, as quais foram positivas entre elas, refere-se que na existência de uma das formas de sexismo, possivelmente, a outra forma discriminatória frente às mulheres poderá se apresentar. Esses resultados corroboram os encontrados por Ferreira (2004), Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Formiga (2005).

Porém, ao considerar o presente estudo, é possível observar que os resultados, em relação a análise fatorial confirmatória, comparado ao encontrado por Formiga, Gouveia e Santos (2002), foi bem melhor. Estes autores apresentaram indicadores de bondades de ajuste abaixo do considerado, o que não ocorreu no estudo vigente, bem como, os alfas observados aqui foi também maior.

Além comprovar a existência do sexismo ambivalente em sua bi-dimensionalidade observaram-se indicadores que apontam para uma melhor estrutura do inventário do que a encontrada por Formiga, Gouveia e Santos (2002); atenta-se, com isso, para a sua acurácia do inventário em questão, já que neste estudo além de tomar como base outros trabalhos sobre sexismo ambivalente no Brasil, os quais comportaram semelhante organização fatorial itens-fator, apontam-se ainda, tanto para a existência de fenômeno, quanto para a manutenção do sexismo ambivalente no contexto brasileiro.

Sabe-se de que o sexismo hostil existe e que este deve ser inibido, pois é possível que com base neste tipo de sexismo decorra a violência em relação às mulheres; mas, e quanto ao surgimento do sexismo benévolo? Este pode ser des-

† sa = itens do sexismo ambivalente destacados na figura

tacado como um problema quando se pretende a relação de igualdade e de justiça social, o que difere do sexismo hostil, pois sua manifestação evidente é diretamente atacada e proibida. A forma mais sutil parece escorregar por entre os dedos na busca de se apalpar de forma justa e honrosa os direitos de todos os seres humanos, principalmente em relação aos direitos e justiça das mulheres.

De fato, socialmente, atribui-se uma valorização a mulher, tendo suas justificativas nos fatores sociais, econômicos, educacionais, etc.; e o que é pior, é que a diferença não se limitou apenas a dimensão biológica instituída, daí o início das formas de sexismo ambivalente antes tratada em termos de inferioridade da espécie (Formiga, 2005). A discriminação contra a mulher vem sendo camuflada e carregada de finas – e dissimuladas – atitudes, condição essa, que é muito mais perigosa, principalmente, quando se utiliza de tratamentos cortês com a mulher, com o qual, esconde-se por trás dessa atitude a representação de um ser especial, frágil e que necessita de cuidados, na verdade não se está deixando a discriminação, apenas se expressa diferenças de forma mais discretas. O que atualmente encontra-se, ao acompanhar o cotidiano, parece confirmar praticamente o óbvio: o elogio ou gratidão diante da mulher muitas vezes passa a ser a outra cara da mesma moeda há muito conhecida, chamada, de sexismo sutil (Swim, Mallett & Stangor, 2004; Thomas & Esses, 2004).

O instrumento considerado nesse estudo, bem como, a comprovação na organização dos itens em seus respectivos fatores e a sua consistência interna não permitirá acabar com as atitudes discriminatórias, mas, pelos menos, oferecerá base para conhecer a extensão do problema e antecipar conseqüências vindouras, o que se faz útil nos estudos que tratam da questão do preconceito em relação às mulheres já que poucos são os instrumentos nesta perspectiva.

6 - CONCLUSÃO

Considerando os indicadores de bondade de ajuste, houve evidência da validade fatorial e da consistência interna para o inventário de sexismo ambivalente. Portanto, mais uma vez, justifica-se seu emprego no contexto brasileiro para pesquisar acerca de variáveis antecedentes e conseqüentes sobre o preconceito frente às mulheres. Contudo, assumido a consistência interna e validade estrutural da escala é bom destacar que, quando for considerar os resultados do presente estudo, faz-se necessário ter em conta os aspectos mais específicos ou universais entre as culturas, inter e intracultural, na avaliação dessa escala quando se pretender adaptá-las para outros contextos.

É importante considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (emics) da orientação de cada cultura, bem como, e não menos importante, avaliar as dimensões universais (etics) da Cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geo-político e social (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis e cols, 1993; Triandis, 1994; Van de Vijver & Leung, 1997).

Aponta-se com isso, para a seguinte direção: conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico do sexismo ambivalente. Por fim, quanto ao que fazer no futuro em relação a essa escala? Pretende-se reunir evidências adicionais de sua validade e precisão intra, inter e pan-culturais, por exemplo: avaliar sua validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer sua estabilidade temporal (teste-reteste), comparando com os resultados que podem ser indicados por outros autores; assim, a replicabilidade do presente estudo, deveria ser prioridade, considerando-se amostras maiores e mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens de diferentes contextos socioculturais e econômicos – com a existência de instrumentos

avaliadores do sexismo, além do elaborado por Glick e Fiske (1996), e no Brasil, por Ferreira (2004), Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Formiga (2005), seria viável uma análise convergente entre os instrumentos que avaliam o preconceito frente as mulheres; outro ponto de grande interesse é quanto a manifestação do sexismo em diferentes classes sócio-econômicas e entre zonas urbana e rural brasileiras; por fim, frente ao estudo do sexismo, seria útil avaliá-lo entre as gerações familiares, na busca da origem deste fenômeno na dinâmica interna da família.

7 - REFERÊNCIAS

- Aguiar, N. (1997). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Farias, S. A. & Santos, R. C. (2000). Modelagem de equações estruturais e satisfação do consumidor: Uma investigação teórica e prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 4 (3), 107-132.
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, 12 (21), 119-126.
- Fiúza, A. L. C. (2001). Mulheres nas políticas de desenvolvimento sustentável. Em: C. Bruschini e C. R. Pinto (Org.). *Tempos e lugares de gênero* (pp.87-118). São Paulo: FCC.
- Formiga, N. S. & Camino, L. (2001). A Dimensão do Inventário de Papeis Sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. *Estudos de Psicologia*, 18, (2), 41-49.
- Formiga, N. S. (2005). Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais. *Psicólogo Informação*, 9 (9), 09-28.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V. & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia em estudo*, 7 (1), 105-111.
- Formiga, N. S.; Yepes, C. F.; Alves, I.; Ayroza, I.; Teixeira, J. & Curado, F. (2004). Flagrando o preconceito: Uma análise descritiva das atitudes preconceituosas frente aos negros, mulheres e homossexuais. *Anais do XXXIV reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Formação do psicólogo brasileiro: História de desafios e conquistas*. Ribeirão Preto - SP. 26 a 29 de Outubro. [Resumo Eletrônico].
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> (consultado dia 17 de maio de 2005).
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1998). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E.; Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Joreskög, K., & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Marodin, M. (1997). As relações entre o homem e a mulher na atualidade. Em: Marlene N. Strey (Org.). *Mulher: Estudos de gênero* (p.09-18). São Leopoldo: Unisinos.
- Muenjohn, N. & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. *International Journal of Business and Information*, 2 (2), 265-283.
- Munanga, K. (2002). Prefácio. Em: I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.). *Psicologia social*

- do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (pp. 9-11). Petrópolis: Vozes.
- Pettigrew, T. F. & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European journal of social psychology*, 25, 57-75.
- Siano, J. A. (2000). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel.
- Swim, J. K., Mallett, R. & Stangor, C. (2004). Understanding Subtle Sexism: Detection and Use of Sexist Language. *Sex Roles*, 51 (3/4), 117-128.
- Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S. & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.
- Tabachnick, B. G. & Fidel, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Harper Collins: New York, NY.
- Thomas, C. A. & Esses, V. M. (2004). Individual differences in reactions to sexist humor. *Group Processes & Intergroup Relations*, 7 (1), 89-100.
- Tougas, F., Brown, R., Beaton, A. N. & Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil. *Personality and social psychology behavior*, 21 (8), 842-849.
- Triandis, H.C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.
- Triandis, H. C. e cols. (1993). Na etic-emic analysis of individualism and collectivism. *Journal of cross-cultural psychology*, 24 (3), 366-383.
- Van de Vijver, F.; Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

ANEXO

INVENTARIO DE SEXISMO AMBIVALENTE (ISA)

- ISA 01. Ainda que um homem tenha muito êxito em sua vida, não poderá sentir-se completo a menos que tenha o amor de uma mulher.
- ISA 02. Com o pretexto da igualdade, muitas mulheres buscam privilégios especiais, como condições de trabalho que as favoreçam.
- ISA 03. Em caso de grandes ou pequenos acidentes, as mulheres devem ser resgatadas antes que os homens.
- ISA 04. A maioria das mulheres interpreta os comentários ou brincadeiras inocentes como sexistas, isto é, como expressões preconceituosas ou discriminatórias contra elas.
- ISA 05. As mulheres se ofendem muito facilmente.
- ISA 06. As pessoas não podem ser verdadeiramente felizes em suas vidas a menos que tenham uma outra pessoa do sexo oposto. (Ex.: para o homem, uma mulher, e vice-versa).
- ISA 07. Na verdade, o que as mulheres feministas pretendem é que a mulher tenha mais poder que o homem.
- ISA 08. Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem.
- ISA 09. As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.
- ISA 10. A maioria das mulheres não dá valor completamente a tudo o que os homens fazem por ela.
- ISA 11. As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens.
- ISA 12. Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.
- ISA 13. O homem está incompleto sem a mulher.
- ISA 14. As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho.
- ISA 15. Uma vez que uma mulher consiga que o homem se comprometa com ela, geralmente, ela tenta controlar.
- ISA 16. Quando as mulheres são vencidas pelos homens numa disputa justa, geralmente se queixam de serem “roubadas” ou discriminadas.
- ISA 17. Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem.
- ISA 18. Existem muitas mulheres que, para chamar a atenção de um homem, primeiro se insinuam sensualmente e depois rejeitam seus avanços ou ‘cantadas’.
- ISA 19. As mulheres, em comparação com os homens, tendem a ter uma maior sensibilidade moral.
- ISA 20. Os homens deveriam estar dispostos a sacrificar seu próprio bem-estar a fim de dar segurança econômica e social às mulheres.
- ISA 21. As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens.
- ISA 22. As mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido mais refinado para a cultura e o bom gosto.

TABELA 1: Comparação dos modelos alternativos da estrutura fatorial da escala de sexismo ambivalente.

MODELOS	χ^2	gl	χ^2/gl	GFI	AGFI	RMR	RMSEA	CAIC	ECVI
Unifatorial	1608,45	209	7,70	0,82	0,78	0,14	0,09	1946,30	2,14
							(0,08-0,09)		(1,98-2,30)
Bifatorial	122,53	126	0,97	0,99	0,97	0,04	0,01	1097,68	0,47
							(0,00-0,02)		(0,47-0,51)

FIGURA 1: Estrutura Fatorial do inventário de sexismo ambivalente

